

Qual É a Finalidade Disso?

(Juízes 3)

Bruce McLarty

Em Juízes 3, o escritor começou a delinear histórias específicas que marcam a espiral descendente destacado no capítulo 2. Tudo começou com Israel aceitando a cultura dos cananeus, se casando com o povo da terra e prestando culto aos deuses pagãos (3:6).

OTNIEL

Quando Israel se esqueceu de Deus e serviu a baalins e a aserás, Ele Se irou com eles e lhes entregou nas mãos do rei de Arã Naaraim. Assim como a maioria dos conflitos em Juízes, este não envolveu a nação inteira de Israel; foi mais uma guerra de fronteira com interesse ou envolvimento apenas regional. Arã Naaraim era uma cidade-estado no noroeste da Mesopotâmia, que estava tentando estender o seu domínio sobre seus vizinhos ao sul. Os israelitas ficaram subjugados a esse povo por oito anos, até que o Senhor enviou a Israel o primeiro juiz, um líder chamado Otniel!

Otniel, parente de Calebe, tornou-se juiz quando “veio sobre ele o Espírito do Senhor” (3:10). “Juiz”, no caso dele, significava basicamente um líder militar cuja missão era expulsar os opressores de Israel. Depois que Otniel derrotou o rei de Arã, houve paz na terra por quarenta anos.

EÚDE

Israel, não diferente da natureza humana, não conseguiu tolerar muito tempo de paz sem se esquecer de Deus, e o povo escorregou pelos maus caminhos da terra tornando a irar o Senhor

(3:12). Desta vez Deus permitiu que fossem dominados por Moabe, uma nação no lado leste do mar Morto. Juntamente com os amonitas e amalequitas, Eglom, rei de Moabe, atacou Israel e conquistou Jericó, a cidade das palmeiras. Deste posto de comando, ele conseguiu oprimir o povo e Israel por dezoito anos. Mais uma vez, Israel clamou ao Senhor por livramento e Ele levantou outro juiz para libertá-los. Desta vez foi Eúde, um benjamita canhoto que escondeu um punhal de dois gumes no lado direito da coxa. Eúde foi escolhido para entregar o tributo de Israel ao rei Eglom, e viu nisto uma oportunidade para expulsar os moabitas.

O relato bíblico menciona duas vezes que o rei Eglom era gordo (3:17, 22), o que, nesse contexto, é muito mais do que um detalhe estético. Quando algumas pessoas vêm gordos, pensam em dietas, grãos integrais, exercício e auto-controle. Quando Eúde observou a gordura de Eglom, ele viu algo que a minha avó de noventa e oito anos de idade diz quando vou visitá-la. Quando entro pela porta, ela sempre vem me cumprimentar com um sorriso radiante e o abraço mais caloroso que conheço. Depois disso, ela se afasta, me olha por inteiro e quase sempre diz: “Bruce, você está ficando gordo como um porco!” Claro que eu não aceitaria isso de qualquer pessoa, mas vindo da vovó está tudo bem. Sei que ela quer dizer: “Você deve estar se alimentando bem e descansando, e não parece ter estado doente recentemente”. Gordura, para ela, é sinal de prosperidade.

Essa também é a noção de gordura que eu

descobri anos atrás, quando morávamos no Quênia, na África Oriental. Um dia, perguntei a um jovem sobre alguém que ele conhecia, e ele descreveu essa pessoa para mim como “uma garota pesada”. Ponderando se, aos olhos dele, aquilo queria dizer atraente ou não, perguntei o que “gordo” significava para ele. E ele respondeu: “Ah, significa que os pais dela têm muito dinheiro”. Mais uma vez, gordura era sinal de bem-estar. Foi com essa visão que Eúde olhou para Eglom. A gordura dele era repugnante, porque nela Eúde via a pobreza de Israel. As crianças israelitas estavam passando fome para alimentar aquele empachado rei de Moabe. Fazia dezoito anos que ele se regalava com Israel, e Eúde resolveu pôr um basta naquilo!

Eúde entregou o tributo a Eglom em Jericó, conforme outros faziam por dezoito anos. A seguir, saiu. Assim que seus ajudantes se puseram a caminho de casa, Eúde voltou a Jericó, e disse ao rei Eglom: “Tenho uma palavra secreta a dizer-te, ó rei” (3:19). Fascinado com isto, Eglom mandou todos os que lhe assistiam saírem da sala. “Tenho uma palavra secreta de Deus a dizer-te, ó rei”, continuou Eúde. Curioso, o rei levantou-se da cadeira. Com destreza, Eúde agarrou com a mão esquerda o punhal escondido e antes que o rei suspeitasse da traição, Eúde fincou a lâmina inteira de quarenta e cinco centímetros na barriga do monarca inflado. O texto descreve graficamente que “entrou também o cabo com a lâmina, e, porque não o retirou do ventre, a gordura se fechou sobre ele” (3:22). Como o rei tinha mandado seus servos se retirarem da sala, Eúde conseguiu escapar. Trancando as portas da sala de verão, ele conseguiu andar vários quilômetros até que o corpo de Eglom fosse encontrado sem vida. Presumindo que o rei estivesse “aliviando o ventre”, os guardas não ousaram entrar no aposento durante um longo tempo. Essa espera permitiu que Eúde tivesse tempo de fugir para as montanhas de Efraim. Chegando lá, Eúde fez soar a trombeta, ou seja, o chamado dos juízes para a batalha, e reuniu um exército para consolidar essa pequena vitória num grande triunfo. Com a desordem da liderança dos moabitas após o assassinato do rei, os israelitas conseguiram conquistar as vaus do rio Jordão, impedindo a passagem para os moabitas se retirarem. Naquele dia, mataram dez mil dos melhores guerreiros moabitas. Israel

estava liberta “e a terra ficou em paz oitenta anos” (3:30).

SANGAR

O terceiro libertador mencionado no capítulo 3 é Sangar. Ele salvou Israel da ameaça dos filisteus, o povo costeiro que constantemente atormentava Israel nas fronteiras sudoestes. Esse povo, que figurou com destaque nas posteriores histórias de Sansão e Davi, tanto atormentavam como tentavam a nação de Israel. Sangar é conhecido somente pelo ato heróico de matar seiscentos filisteus usando uma lança com ponta de metal para aguilhoar bois. O texto bíblico diz que “também ele libertou a Israel” (3:31).

TREINAMENTO E ELEIÇÃO

Anos atrás, quando eu estava planejando pregar sobre Juízes pela primeira vez, uma porção de amigos me fizeram a simples pergunta: “Por quê?” Por que contar todas essas histórias sangrentas de intriga, assassinato e destruição? Por que falar de personagens muitas vezes perversos que aparecem no texto? Por que gastar tempo numa igreja moderna recontando episódios das antigas matanças israelitas? Qual a finalidade de tudo isso? Essas perguntas, pelo menos neste capítulo, são fáceis de se responder, porque o próprio texto provê uma clara explicação!

No começo do capítulo 3 são apresentadas duas razões para as histórias que se seguem. A primeira é que Deus precisava “treinar na guerra os descendentes dos israelitas” (3:2; NVI). Essa terra prometida era um lugar perigoso e os israelitas tinham pouca experiência para enfrentar o que viria adiante. Antes da época de Moisés, haviam sido escravos, e, ainda nesse momento, a experiência deles era mínima. As batalhas sob a liderança de Otniel, Eúde e Sangar serviram para prepará-los para futuras batalhas maiores. Esse treinamento de Deus me faz lembrar o comentário de Max Lucado sobre o modo como Deus nos treina: “Ele pode nos levar para o meio de uma tempestade aos trinta anos para enfrentarmos um furacão aos sessenta anos”¹.

A segunda razão apresentada para as his-

¹Max Lucado, *On The Anvil* (“Sobre a Bigorna”). Wheaton, Ill.: Tyndale House Publishers, 1985, p. 50.

tórias no capítulo 3 é que Deus estava testando a lealdade de Israel “para saber se dariam ouvidos aos mandamentos que havia ordenado a seus pais por intermédio de Moisés” (3:4). Deus não só deu à Sua criação livre arbítrio moral, mas Ele também proveu um mundo em que Ele não fosse a única escolha. Conta-se uma velha história de Adão e Eva no jardim. Eva parecia não ter ouvido um “eu te amo” de Adão havia dias. Então, finalmente, ela perguntou: “Adão, você me ama?” Ele nada respondeu. Novamente, ela perguntou: “Adão, você me ama?” Novamente nenhuma resposta se ouviu. Por fim, quase gritando, ela indagou: “Adão, você me ama?” Adão virou-se e perguntou num tom sarcástico: “E tem mais alguém aqui para eu amar?” Adão pode não ter tido nenhuma outra escolha, mas Israel tinha. Deus queria ver se eles escolheriam a Ele ou aos deuses da terra.

UMA PREOCUPAÇÃO MAIOR

As duas razões para as guerras de Israel apresentadas no texto abrem os nossos olhos para algo que é terrivelmente difícil de ver em nossas vidas, sobretudo hoje. Numa era obcecada por conforto, quase não temos tolerância alguma com o sofrimento. Juízes nos ajuda a lembrar que *Deus tem preocupações maiores do que nos livrar do sofrimento*. Para muitos isso pode parecer uma heresia, mas as Escrituras ensinam que esta é a verdade. *Deus tem preocupações maiores do que nos livrar do sofrimento; a maior preocupação de Deus é salvar o Seu povo.*

Deus se preocupa com o nosso sofrimento? Com certeza! Ele lamenta pela nossa dor? Pode crer que sim! Onde Ele está quando estamos sofrendo? Ele está perto, sabendo de cada ferida e chorando por cada lágrima. Ele nos livra do sofrimento? Às vezes. Às vezes Ele nos livra do sofrimento, e às vezes Ele até nos liberta através do sofrimento!

O que aconteceria se Deus não tivesse disciplinado Israel mandando opressores quando Israel voltava as costas para o Senhor? Será que teriam voltado para Deus? Provavelmente não. Nisto começamos a entender por que *Deus tem preocupações maiores do que nos livrar do sofrimento; a maior preocupação de Deus é salvar o Seu povo.*

A DISCIPLINA DE DEUS

No Novo Testamento, o escritor de Hebreus desenvolveu essa mesma idéia. No capítulo 11,

“os heróis da fé”, ele escreveu: “E que mais direi? Certamente, me faltará o tempo necessário para referir o que há a respeito de Gideão, de Baraque, de Sansão, de Jefté...” (Hebreus 11:32). Esta é uma lista de juízes! Usando-os como modelos de fé, ele escreveu sobre a necessidade de perseverar quando passamos por sofrimentos como exemplificou Jesus ao subir na cruz (Hebreus 12:2). Depois, citando Provérbios 3:11 e 12, o escritor de Hebreus redigiu um parágrafo que poderia servir muito bem como nota de rodapé ao terceiro capítulo de Juízes:

Hebreus 12:7–11

“É para disciplina que perseverais (Deus vos trata como filhos); pois que filho há que o pai não corrige? Mas, se estais sem correção, de que todos se têm tornado participantes, logo, sois bastardos e não filhos. Além disso... Deus, porém, nos disciplina para aproveitamento, a fim de sermos participantes da sua santidade. Toda disciplina, com efeito, no momento não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza; ao depois, entretanto, produz fruto pacífico aos que têm sido por ela exercitados, fruto de justiça.”

O escritor de Hebreus não estava procurando explicar *todo* sofrimento e dor. Entretanto, confirma-se aqui a verdade de que *Deus tem preocupações maiores do que nos livrar do sofrimento; a maior preocupação de Deus é salvar o Seu povo.*

Como entender este aspecto da nossa relação com Deus? Qualquer tentativa de ilustrar esta verdade será imperfeita e lamentavelmente inadequada, mas talvez seja como a experiência de uma criancinha levada para uma consulta médica seguida de uma aplicação de injeção. Eu vivenciei isto com pelo menos uma de nossas filhas (antes de aprender a dar desculpas criativas para não presenciar essas terríveis injeções). É um drama angustiante. O bebê é levado para o consultório médico ou o posto de saúde, e está tudo bem. Nada prevendo, ele sorri sem medo algum. A enfermeira chama pelo nome do bebê e os pais o levam para a sala de avaliação. Até aí, não há sinal de preocupação por parte da criança;

mamãe e papai estão ali e está tudo bem no universo. O médico se aproxima, examina a criança, autoriza a vacinação e sai da sala. (Na hora da injeção, os médicos são tão covardes quanto os pais!) A enfermeira esfrega o chumaço de algodão embebido em álcool no local da aplicação; a criança ainda não demonstra medo. A seringa é acionada e a perna da criança é segurada firmemente; ela ainda sorri. Então, o momento fatal acontece. A agulha entra na carne macia e o sorriso se transforma em susto e o susto, em dor e a dor em um grito que aterroriza todos que estão na sala de espera. A essa altura, não é só a criança que tem lágrimas no rosto. O pai, a mãe e a enfermeira são solidários com a dor do pequeno. Não sei o que as crianças pensam nesse momento, mas sei o que li nos olhos marejados da minha filha. Vi um olhar que suplicava: “Por que você me traiu? Como pôde me ferir assim?” A parte mais dolorosa de toda a experiência para os pais é que não existem palavras para explicar por que fizeram aquilo. Um bebê ainda não entende que aquele é de fato um ato de amor feito para protegê-lo da dor

ainda maior causada por uma difteria, um tétano, uma paralisia, uma hepatite ou uma meningite. Talvez dali a dez ou quinze anos ele entenda, mas não no dia da vacinação! Imagino que nosso Pai celestial olhe para essa pequena cena e sussurre num suspiro: “Agora você sabe como me sinto em relação às coisas que machucam você, meu filho”. Nenhuma expressão humana é adequada para comunicar os propósitos de Deus, e compreender tudo levará um pouco mais de tempo.

O sofrimento, então, pode ter vários significados. Às vezes ele é mau; às vezes é trágico; às vezes é fatal. Às vezes, porém, é a disciplina amorosa do nosso Deus, que — com lágrimas nos olhos — enfia uma agulha em nossas almas, sabendo que embora não entendamos aquilo no momento, um dia saberemos que foi para a nossa salvação! Confiantes nisso, podemos dizer com o apóstolo que passou por tantos sofrimentos na vida: “Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós” (Romanos 8:18). □

©Copyright 2004, 2006 by A Verdade para Hoje
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS